

Gênero e sociedade: a construção dos papéis de gênero na obra *Niketche: Uma história de poligamia*

*Gender and society: the construction of
gender roles in the Niketche: Uma história
de poligamia*

Cássia da Silva*

Andressa Almeida dos Santos**

Cícera Bruna Santos Augustinho***

*. Doutora em Letras (UERN). Superintendente Escolar da 19ª CREDE/CE e professora de Literatura da Universidade Regional do Cariri - URCA/Campus Missão Velha. Coordena o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea - GLICON da URCA/MV. Email: cassia_silv@hotmail.com

** Professora da educação básica da rede pública do estado do Ceará. Graduanda em Letras pela universidade regional. Membro do grupo de estudos em Literatura e estudos de gênero e sexualidade (GESLIB) e bolsista do programa de iniciação científica PIBIC/FUNCAP. E-mail: as27807@gmail.com

*** Graduanda em Letras pela Universidade Regional do Cariri com bolsa de extensão em Biblioteca e Laboratório; participante do grupo de estudos em Literatura e estudos de gênero e sexualidade (GESLIB). E-mail: bruna.augustinho@urca.br

Resumo: A partir da leitura da obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002), da escritora moçambicana Pauline Chiziane, propõe-se aqui uma análise que se vincula a quatro polos discursivos principais: a condição da mulher, o papel do homem negro, a influência da colonização e o *status quo* da poligamia na sociedade moçambicana. O presente trabalho procura então estabelecer os vínculos primordiais entre essa sociedade e os recortes de gênero nas relações presentes na obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002). Temas como cultura e colonização são debatidos ao longo do texto a fim de ajudar no entendimento de como as mulheres, dentro da obra, trazem imbricados em si aspectos da cultura de cada região do país e como o processo de colonização interfere nas dinâmicas de gênero e cultura. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica, acerca do tema abordado, apoiada em autores como: Lugarinho (2013, 2017), Fanon (2008), Beauvoir (1967), entre outros. Por fim, percebeu-se, ao longo do trabalho, que as dinâmicas de gênero sofreram influência direta da colonização contribuindo para a assimilação da cultura europeia em espaços moçambicanos. Além disso, nota-se que as tradições culturais de grupos étnicos ainda sobrevivem e se fazem presentes nas figuras das personagens: Julieta, Luísa, Saly e Mauá. No mais, foi pontuado como se deu o processo de emancipação dessas mulheres e a condição de Tony, que dentro da obra ocupa uma dupla posição antagonista, ora é opressor, mas não deixa de ser também oprimido, dentro de um regime que ainda cultiva um caráter colonial.

Palavras-chave: Literatura; Moçambique; Gênero; Poligamia; Colonialismo.

Abstract: From the reading of *Niketche: uma história de poligamia* (2002), by the Mozambican writer Pauline Chiziane, an analysis is proposed here that is linked to four main discursive poles: the condition of the woman, the role of the black man, the influence of colonization and the status quo of polygamy in Mozambican society. The present work then seeks to establish the primordial links between this society and the gender aspects in the relationships present in the work *Niketche: uma história de poligamia* (2002). Themes such as culture and colonization are discussed throughout the text in order to help in the understanding of how women, within the work, intertwine aspects of the culture of each region of the country and how the colonization process interferes in gender dynamics and culture. For this, a bibliographical research was carried out, on the topic discussed, supported by authors such as Lugarinho (2013, 2017), Fanon (2008), Beauvoir (1967), among others. Finally, it was noticed, throughout the work, that gender dynamics were directly influenced by colonization, contributing to the assimilation of European culture in Mozambican spaces. Furthermore, it is noted that the cultural traditions of ethnic groups still survive and are present in the characters' figures: Julieta, Luísa, Saly and Mauá. Furthermore, it was pointed out how the process of emancipation of these women took place and the condition of Tony, who within the work occupies a dual antagonistic position, sometimes he is oppressor, but he is also oppressed, within a regime that still cultivates a colonial character.

Key-words: Literature; Mozambique; Gender; Polygamy; Colonialism.

DA SILVA, Cássia; DOS SANTOS, Andressa Almeida; AGOSTINHO, Cícera Bruna Santos. Gênero e sociedade: a construção dos papéis de gênero na obra *Niketche: uma história da poligamia*. *Léguas & Meia*, Brasil, v. 12, n. 2, p. 173-190, 2022.

1 Introdução

Quando nos debruçamos diante de uma análise literária o que se deve ter em mente, em primeiro lugar, é o recorte em que aquela análise pretende se apegar para acontecer, num mundo vastamente subjetivo e necessariamente interpretativo tudo que podemos ter são apenas algumas visões sobre um determinado objeto que nem de longe o define por completo, e que muitas vezes dependem muito mais de fatores sócio-históricos e culturais em voga do que de valores universais e intransitivos.

Ao nos debruçarmos sobre *Niketche: uma história de poligamia* (2002), da escritora moçambicana Pauline Chiziane, nos propomos a analisar aquilo que mais se mostrou importante para nós de acordo com nosso repertório pessoal, afinal, a literatura se faz, também, a partir da percepção de quem a consome. Diante disso, a análise a seguir se prende em quatro polos principais: a condição da mulher, o papel do homem negro, a influência da colonização e o *status quo* da poligamia naquela sociedade.

Salientamos que a obra constrói possibilidades de análises profundas em outras áreas como o discurso, a cultura, os costumes, a estilística e outras incontáveis que não somos capazes de enumerar. Esse pequeno recorte é apenas uma das diversas interpretações embasadas que se pode ter de uma obra rica como essa e que não se propõe esgotar nenhum dos temas propostos, pois a intenção é sempre poder revisitar o texto com outras visões e enriquecê-lo ainda mais.

Pensando nisso, o artigo a seguir se embasa nas teorias de autores como Lugarinho (2013, 2017); Fanon (2008); Beauvoir (1967); entre outros.

2 Literatura em Moçambique

A literatura moçambicana¹ está diretamente atrelada à história do país desde o período pré-colonial, passando pela colonização e independência, até os dias atuais. É de suma importância ressaltar que antes das naus portuguesas atracarem em solo africano já existia uma produção literária baseada na oralidade que resistiu aos processos de colonização e assimilação e se mantém viva até hoje contribuindo para a manutenção de crenças, lendas que formam cultura moçambicana.

¹ Assim como as das demais colônias portuguesas na África.

Pires Laranjeira (1995) definiu e organizou os períodos de formação da literatura moçambicana em cinco momentos sendo o primeiro e segundo chamados de período de preparação que ocorreu entre o final do século XIX até meados do século XX; o terceiro período chamado período de formação que ocorreu entre a década de 1950 até meados da década de 1960; o quarto período é de desenvolvimento, que aconteceu entre 1964 e 1975; o quinto e último período é o de consolidação que vai de 1975 até 1992.

É apenas com a explosão jornalística nas colônias portuguesas no século XX que a literatura escrita ganha maior poder de circulação. Em Moçambique destacam-se os periódicos *O africano* (1909) e posteriormente *O Brado Africano* (1918) que na década de 1950 adquire importância fundamental para vida cultural moçambicana por reunir contribuições literárias de autores como Virgílio Lemos, Rui Noronha, Fonseca Amaral, entre outros. Tais contribuições foram de fundamental importância para a formação de uma identidade literária nacional que se fez envolta da valorização da identidade e cultura africana e negritude que se tornaram características da literatura moçambicana. Em 1925 João Albasini publica “*O livro da dor*” que o torna percussor na poesia moçambicana (LARANJEIRA, 1995).

Até então a literatura tinha sido um lugar predominantemente masculino, no entanto final do século XX e início do século XXI a presença literária feminina em Moçambique se intensifica com presença de Noémia de Sousa, Lília Momplé e Paulina Chiziane, sendo Paulina a primeira mulher a publicar um romance no país. A escrita de autoria feminina traz à tona a perspectiva das mulheres em relação aos problemas do país ao mesmo tempo em que expõe e dá voz a esse grupo que foi historicamente silenciado. É partindo desse ponto que Chiziane escreve suas obras: *Balada de Amor ao Vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1999), *O Sétimo Juramento* (2000) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002) que será nosso objeto e análise.

Paulina Chiziane foi a primeira mulher moçambicana a ter um romance publicado, tal título se deve a publicação de *Baladas de Amor ao Vento* de 1990 que foi publicado em Portugal, chegando a Moçambique posteriormente. No entanto, Paulina recusa o rótulo de romancista e prefere ser evocada como contadora de histórias. Quando jovem, Paulina participou da cena política de Moçambique como membro da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Em 2003, a escritora ganhou o prémio José Craveirinha, pelo seu livro *Niketche: uma história de poligamia*, em 2005 por seu trabalho de escrita militante, pela causa da justiça e igualdade nas relações

humanas do seu país, foi indicada ao prêmio Nobel da paz pelo movimento *One Thousand Peace Women for Nobel Prize*, realizado dois anos antes.

Chiziane rejeita as insígnias de romancista, feminista, espiritualista e todas mais que possam limitar as fronteiras de sua vida, luta e obra. Ao optar por ser chamada como “contadora de histórias”, a autora mantém intrínseco a si uma das tradições mais antigas de seu povo: a contação de histórias em volta da fogueira. Para Chiziane, o ato de contar história equivale à liberdade de poder contá-las da forma que bem entender e ao aceitar a etiqueta de romancista ela estará presa a uma série de convenções que irão limitar, reprimir e amordaçar sua escrita.

3 Gênero e colonização

O termo gênero vem do latim *Genus*, que significa “família”, “tipo”, “raça”. Na gramática, gênero é usado para classificação de palavras, dividindo-se em: masculino, feminino e neutro. Em sua origem grega *genos* e *geneã*, gênero também faz referência ao sexo, no entanto foi somente a partir do século XV que o termo passou a ser associado ao sexo biológico do indivíduo. Desta forma, as palavras “sexo”/“gênero” passaram a ser entendidas como sinônimas e sendo usadas como forma de classificar os seres a partir de seus órgãos sexuais. Em 1949, com a publicação de “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, que marcou o início da segunda onda do feminismo, o emprego do termo se modificou.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOIR, 1967, p. 94).

A partir dos escritos de Beauvoir, passou-se a questionar o uso do termo gênero e a diferenciá-lo de sexo; sendo sexo o que classifica os seres como macho e fêmea e gênero como conjunto de características socialmente convencionadas como naturais de cada sexo. Desta forma gênero passou a ser o termo utilizado para dizer o que é era socialmente esperado de homens e mulheres nas diferentes esferas sociais. Tendo com ponto de partida o questionamento de Beauvoir e de sua afirmação de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 09), surgiram várias teorias a

respeito das chamadas “masculinidades” e “feminilidades”, que seriam o grupo de características comportamentais e psicológicas que convencionaram-se como comuns a cada sexo, sendo por exemplo, a astúcia e severidade características próprias do masculino e sensibilidade e obediência comuns ao sexo feminino.

As dinâmicas de gêneros em qualquer sociedade são pautas pela lente cultural de cada uma delas. No que se referem às sociedades coloniais essas dinâmicas são afetadas e reorganizadas a partir da ótica do colonizador, pois sabe-se que quando este se fixa em novo território ocorre o processo de aculturação que, quando não erradica a cultura local a assimila. Segundo Mario Cesar Lugarinho (2017), a identidade do colonizador pauta todas as relações dentro da colônia, onde a identidade dos indivíduos da sociedade colonial era moldada em função da do homem branco. Desta forma estabeleceu-se uma hierarquia social em que homens negros e mestiços estavam abaixo do colonizador branco enquanto as mulheres apareciam na base da pirâmide. Então, apesar de o homem negro africano ter uma posição de poder em relação a mulher negra africana, este ainda era inferior ao homem branco europeu, por conta de sua raça e classe social, no entanto ainda tinha certo privilégio quando comparado às mulheres.

Retomando a célebre frase de Beauvoir entendemos que “tornar-se mulher” (e tornar-se homem também) se faz de maneiras diferentes ao redor do mundo e que os anos de colonização e exploração portuguesa em Moçambique interferiram de forma direta nesses processos. Posto isso partiremos para uma breve análise do masculino e feminino no contexto da obra *Niketche: uma historia de poligamia* (2002).

4 Niketche, a danças das mulheres

Niketche é uma dança executada no meio de um ritual de iniciação feminina praticado na região norte de Moçambique em territórios de predominância étnica Macua. A dança é de alto teor sexual e executado ao som de tambores em que as meninas dançam enfeitadas com tecidos e miçangas para celebrar a transição de meninas a mulheres.

Niketche? Uma dança nossa, dança macua — explica Mauá —, uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida! Niketche. A dança do sol e da lua, dança

do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar: As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao saboreio niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom (CHIZIANE, 2002, p. 160).

Niketche também é o título da obra mais aclamada de Paulina Chiziane. O romance, que pode ser entendido como uma metáfora da dança, conta a história de Rami e suas “rivais” em um processo de emancipação e percepção da diversidade cultural de Moçambique.

A trama tem início quando Rami descobre que Tony, seu marido, é polígamo. Feita a descoberta, Rami sai ao encontro dessas outras mulheres. O primeiro contato de Rami com as amantes de seu marido acaba sempre resultando em agressões físicas e/ou morais. Em uma situação mais extrema acaba indo parar na cadeia onde tem um momento de tomada de consciência, passa a questionar o porquê de toda essa situação e se pergunta se a mulher ao seu lado era realmente sua rival.

Passado o primeiro momento, depois de recorrer aos conselhos das mulheres de sua família, Rami decide oficializar a poligamia do marido, já que a forma como este praticava não estava de acordo com as leis. No aniversário de cinquenta anos de Tony, Rami se incube de apresentar as outras mulheres de seu marido à sociedade. Sendo esta ação um passo no Niketche.

— Querido Tony feliz aniversário. Hoje, nós, tuas mulheres, decidimos fazer-te esta surpresa. Como prova do amor que temos por ti, decidimos juntar-nos, para que sintas o palpitar dos nossos corações. Decidimos unir as cinco mulheres numa só. Sabemos o que sofres por nos amares: um dia cá e outro lá. Decidimos todas, em uníssono, homenagear-te com a nossa presença neste teu grande dia. (CHIZIANE, 2002, p. 110).

A partir desse momento Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá passam a conviver e compartilhar as experiências. Essas cinco mulheres são de diferentes partes de Moçambique e cada uma delas possui uma carga cultural que, vez ou outra, confronta as

crenças e ideias pré-estabelecidas que a narradora tem. É essa diversidade cultural que será analisada na próxima seção.

4.1 As mulheres em Niketche: a Moçambique fragmentada

Mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional (CHIZIANE, 2002, p. 161).

Por diversas vezes ao longo da obra, surge a metáfora na qual cada uma das mulheres é uma parte de Moçambique e que, Tony, por “ter” todas essas partes, torna-se um homem-nação. Partiremos agora para análise desses perfis de mulheres a fim de entender como a cultura moçambicana se manifesta através delas.

4.1.1 Rami e Julieta: O Sul de Moçambique

Rami é o fio condutor de todo enredo, é sob a perspectiva dela que ficamos a par das traições de Tony, da existência de outras mulheres e do peso das tradições. Rami, uma mulher do Sul onde há uma sobreposição da cultura moderna sobre a tradicional e onde imperam os paradigmas europeus, a moral cristã e o ideal de casamento monogâmico. Após saber que seu marido tinha outras mulheres, ela decide reconquistá-lo e para tal recorre a uma conselheira amorosa que é o primeiro contanto que Rami tem com a cultura nortenha.

[...] Falamos de tradições e de culturas.

— Como foi a preparação do teu casamento? — Comecei a fazer enxoval aos quinze anos — explico. — Bordar naperons. Fiz colchas e toalhas em croché. Toalhas bordadas, com o ponto pé de flor, ponto pé de galo, ponto de cruz, ponto jugoslavo, ponto grilhão. Fiz curso de cozinha e tricô. — Cresci no campo e não conheci nada dessas coisas de bordados e enxovais. Diz-me, como foi a preparação nas vésperas do casamento? — Tinha aulas na igreja, com os padres e as freiras. Acendi muitas velas e fiz muitas rezas. — E o que te ensinava a tua família? — Falava-me da obediência, da maternidade. — E do amor sexual? — Nunca ninguém me disse nada. — Então não és mulher — diz-me com desdém — és ainda criança. Como queres tu ser feliz no casamento, se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria? — Eu tive os primeiros ritos de passagem da adolescência para a juventude. Tive os segundos de noiva para esposa. Nos ritos de adolescência, trataram-me a pele com musiro. Nos ritos de noivado trataram-me a pele com mel. — Mel na pele? — Sim, mel

puro, sem misturas. Torna a pele mais lisa que a casca de um ovo. Besuntavam-me o corpo todo, dias antes do casamento (CHIZIANE, 2002, p. 35).

A preparação de Rami para o casamento segue uma linha cristã europeia, advinda da colonização portuguesa que prepara a esposa para obediência, servidão, trabalhos domésticos e reprodução. Bem diferente dos ritos de iniciação das mulheres do Norte que são voltados ao prazer das mulheres e seus parceiros.

No entanto ainda há semelhanças no que diz respeito ao lugar social e tabus para mulheres em ambas as regiões.

Dedicamos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falamos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres, para não terem filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores pedaços de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço (CHIZIANE, 2004, p. 35-36).

Faz-se necessário abrir um parêntese para falarmos da etnia tsonga da qual Tony pertence, já que Rami é atravessada por uma de suas tradições. Tony, em dado momento do enredo, é dado como morto; Rami, na qualidade de viúva de um marido tsonga, é submetida ao *kutchinga* uma prática de purificação em que a viúva mantém relações sexuais com o parente mais próximo do falecido marido. No caso de Rami, seu purificador foi Levy, irmão de Tony. Como resultado da purificação, Rami acaba engravidando do cunhado.

Assim como Rami, Julieta também é do norte, no entanto compartilha uma visão diferente sobre casamento e monogamia. Ju, quando jovem, fora enganada por Tony que a abandonou para casar-se com Rami, a essa altura Julieta já estava grávida e, ser a segunda esposa de Tony mesmo não reconhecida era a melhor solução, pois ser mulher solteira e com filhos é ser relegada ao aleijão social de “mulher perdida”.

Rami entende a situação de Julieta e percebe que a então rival é tão vítima quanto ela:

Coitada, ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caçada e traída como eu. — Estamos juntas nesta tragédia. Eu, tu, todas as mulheres. Só quero que compreendas a minha raiva. Sei que te agredi sem razão.

Transferi sobre ti as minhas dores e mágoas, mesmo sabendo que a culpada não eras tu (CHIZIANE, 2004, p. 25).

4.1.2 Luísa, a sena: A região central de Moçambique

Os povos senas ocupam a região central de Moçambique. De acordo com Malua (2014), os indivíduos desse grupo étnico são descendentes dos povos ba-sengas que viveram fixados às margens do Rio Zambeze. A organização política e cultural dos povos Senas seguem uma linha patrilinear. É desse contexto que saí Luísa, a terceira esposa de Tony. Assim com as mulheres do extremo Norte e Julieta, Luísa não se opõe a poligamia e revela para Rami uma das práticas de seu povo:

Venho de uma terra onde os homens novos emigram e não voltam mais. Na minha aldeia natal só há velhos e crianças. Tenho oito irmãos, cada um com o seu pai. A minha mãe nunca conseguiu um marido só para ela. Do meu pai apenas ouvi falar. Desde cedo aprendi que homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar outras mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa (CHIZIANE, 2004, p. 55).

Luísa já vivia com Tony há bastante tempo e tem filhos com ele. Assim como Julieta e as outras mulheres do policial, permanecer com ele é, sobretudo, uma questão de sobrevivência, porque como já dito anteriormente o lugar reservado na sociedade para mulheres solteiras com filhos é um lugar marginalizado.

As mulheres senas assim como as macuas passam por um ritual de iniciação semelhante ao Niketche. Ao fazer quatorze anos às meninas senas participam do masesseto. Durante a cerimônia a jovem em iniciação deve despir-se para executar os passos da dança. A cerimônia pode durar dias e a presença de homens é totalmente proibida, a moça deve também escolher um novo nome que geralmente é o da avó paterna; e os parentes já casados e com filhos devem instruir a menina sobre a vida sexual e higiene depois do casamento. Segundo Malua (2013), a diferenças entre as mulheres iniciadas e as que não foram são tatuagens nas costas, no baixo ventre, no tronco, nos membros superiores e na face e além disso são usados cintos com missangas coloridas que lhes atribuem um efeito erótico.

4.1.3 Saly, a maconde, e Mauá, a macua: as esposas do Norte

A quarta esposa de Tony é a Saly, de origem étnica maconde. Segundo Ferreira (1982), a etnia maconde é a cultura mais tradicional de Moçambique e de fato há registros do grande poder étnico que os macondes exerciam sobre os outros povos, dentre eles os macuas, no entanto as guerras entre etnias serão deixadas para um outro momento, por agora vamos nos debruçar sobre o recorte da mulher dentro da cultura maconde.

Tanto a etnia maconde quanto a macua seguem uma tradição matrilinear e o exemplo mais claro disso para as outras sociedades é que os filhos nascidos de casamentos macondes e macuas recebem o sobrenome da mãe, pois acredita-se que a mulher é a responsável por manter a descendência e a continuidade da linhagem. Outra ressalva importante sobre as mulheres macondes é que essas possuem maior liberdade sexual o que é comum em sociedades matrilineares. Roseiro expõe que:

Um dos exercícios que desde muito cedo as jovens aprendem é a manipulação dos grandes lábios, com a finalidade de os esticar, permitindo assim, a execução de uma massagem na base do pênis, com se fossem anéis de contracção. Segundo vários autores, estas práticas tinham a finalidade de familiarizar as raparigas com a vida sexual. O ritual de iniciação está relacionado com uma nova etapa na vida da mulher, assim, os acontecimentos passados não lhe podem ser imputados. Só contam as futuras acções, tudo o que se passou para trás, não conta fica apagado com este ritual (ROSEIRO, 2013, p. 86).

Outra prática permitida a moças macondes – e que são censuradas em outras regiões – é a liberdade que elas têm de se relacionar sexualmente com rapazes até escolher um para casar. No entanto não podem engravidar, pois acredita-se que traz azar para a família.

A quinta e última esposa de Tony é Mauá, de etnia macua. Assim como Saly, Mauá descende de uma etnia de base matrilinear e por isso encontra-se semelhanças entre ambas as culturas e mulheres como, por exemplo, os filhos levarem o nome da mãe, a manipulação das genitálias e estimulação do prazer sexual.

Os povos macua vivem ao norte de Moçambique, abrangendo as províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula e Zambézia é nesta etnia que a dança Niketche, que nomeia o livro, é executada em meio ao ritual de iniciação feminina. Após a iniciação, as moças macuas aprendem que não há mal na menstruação e são instruídas pelas

mulheres mais velhas a como tratar da higiene durante os ciclos menstruais. Quando grávidas, as mulheres macuas cortam o cabelo para mostrar a comunidade que está em uma nova fase da vida. Durante a gestação os casais devem manter relações sexuais, pois acredita-se que o ato ajuda a fortalecer o bebê. Durante o trabalho de parto apenas mulheres são permitidas, o pai aguarda do lado fora junto com os outros homens.

Obviamente práticas culturais e processos de organização político-sociais de cada grupo étnico não serão explorados em sua totalidade no momento, nosso objetivo a princípio é fazer um recorte sociocultural que nos permita entender a dimensão das mulheres na obra e concluirmos que a unidade nacional se consolida não quando Tony se casa com todas essas mulheres e tem “toda Moçambique na palma das mãos”, mas sim quando as cinco mulheres se juntam e somam forças para resistirem.

Faz-se necessário dizer que, ao longo de toda a obra, essas mulheres conquistam a independência financeira e emocional e se libertam de Tony com a ajuda de Rami que entende que o principal motivo para essas mulheres estarem com seu marido e aceitarem uma vida de violência e subordinação é por elas não possuírem meios de sustentar a si e a seus filhos e veem na figura de Tony um provedor que vai garantir a estabilidade que precisam para se manterem em um país que ensaia os primeiros passos pós independência.

Ao conhecer suas rivais, Rami entra em contato com séculos de tradições, com o sofrimento da vida feminina e também com a diversidade de culturas que formam o país, é nesse ponto que a protagonista se dá conta de que os problemas das mulheres moçambicanas independem de suas origens e tradições, todas elas sofrem opressões, todas elas são vítimas de uma cultura conservadora e patriarcal, pois todas elas têm a feminilidade em comum.

5 A masculinidade do homem africano e suas (rami)ficações

Tony, a única figura masculina de destaque na obra *Niketché: Uma história de poligamia* (2002), se apresenta como um contraponto, um quase antagonista durante boa parte do livro, até no final quando Pauline Chiziane dá sua tacada de mestre e nos mostra que Tony – assim como as demais personagens de destaque – é fruto maduro de uma sociedade colonizada, opressora e absurdamente cruel com os corpos daqueles que ali se estabelecem.

Esse homem, que se mostra imponente em quase toda a narrativa, tem certos poderes a seu favor, não é qualquer pobre coitado, muito pelo contrário é um homem que serve a sociedade, é a própria personificação de “masculinidade como identidade nacional” como aponta Lugarinho (2013), em “*Masculinidade E Colonialismo: Em direção ao “Homem Novo”*”, quando trabalha a construção do homem moderno. Mas como essa identidade se comporta numa sociedade colonizada em que as hierarquias se subdividem a partir de um sistema opressor?

É quase uma máxima a ideia de que numa sociedade opressora e não libertária o maior sonho do oprimido é ser opressor (FREIRE, 2010). O personagem não foge dessa posição, ao se relacionar com mais de uma mulher na obra, Tony exerce sua masculinidade a partir do espectro de dominação que lhe é atribuído, tendo em mente que a dominação maior parte do colonizador e que o personagem é, também, uma figura dominada. Talvez por isso o personagem seja um dos mais interessantes na obra, pois vive em uma dicotomia complexa em que as relações estabelecidas entre as partes envolvidas revelam mais do que simplórias traições e abusos. Essa dicotomia é bem apontada por Lugarinho (2017) no ensaio “*Paradigmas Confrontados: algumas masculinidades nas literaturas africanas de Língua Portuguesa*”:

O homem negro africano, de maneira geral, passou a experimentar uma dupla condição, antagônica em seus polos, se por um lado passava a exercer um protagonismo social que a sua tradição original não previa, por outro, era instalado numa posição profundamente subalterna, dada por sua origem étnica, racial e geográfica. Nas sociedades crioulas cabiam-lhe as posições subalternas, cúmplices ou marginais àqueles que efetivamente exerciam o poder na colônia (os homens brancos europeus), além disso, a hierarquia das masculinidades se confundia com as hierarquias raciais e étnicas, mas concedia ao homem mestiço alguns poucos privilégios. (LUGARINHO, 2017, p. 143).

A masculinidade de Tony, como colonizado, se constrói a partir de uma falta de autenticidade, pois para o colonizador o masculino autêntico é o homem europeu dotado de humanidade, contrapondo o homem negro, figura desumanizada, infantilizada e quase afeminada pelo dominante, como forma de justificar sua submissão. Sobre isso Lugarinho (2013) diz:

A superioridade do homem por sobre a mulher e do homem branco europeu por sobre todos os homens não brancos e não europeus ficou garantida, instituindo as exceções a partir de um conjunto de

oposições: aqueles que não se colocavam em função do padrão masculino, europeu e branco, eram tratados sob o estatuto da subordinação, infantilizados, feminilizados e/ou marginalizados (LUGARINHO, 2013, p. 20).

Essa figura objetivada do homem negro, nos instiga a analisar certos comportamentos, bem delineados por Chiziane (2001) ao longo da obra, que são representados em Tony, por exemplo, ao final da narrativa, a partir do enfrentamento de suas mulheres em que ele admite não conseguir expressar seus sentimentos para com aquela que é sua mulher legítima, Rami, essa talvez seja a maior prova de que Tony está preso às amarras da masculinidade como forma de dominação e não consegue se desvencilhar disso.

O personagem não é uma completa vítima, há nele a misoginia e o machismo que compele todo homem fruto da sociedade, mas sua complexidade nos leva a diversas reflexões e nos mostra que o mundo não é construído apenas dentro de uma visão simplista e binária, dentro de uma rede de opressão existe sempre ramificações e o oprimido também pode ser, em alguma escala, opressor. Por isso, discutir a questão do homem negro na literatura e na sociedade deve sempre vir acompanhado de uma reflexão para além do gênero, pois esse gênero está relacionado com a raça e aquilo que dispõe o homem branco na sociedade, e o seu papel formador, não se aplica ao homem negro de maneira concisa.

Por ser uma mulher negra e fruto dessas relações de poder, Chiziane, ao contar essa narrativa, estabeleceu um olhar muito sensível na linha nada tênue que divide e subdivide as opressões, desde o papel da mulher, sua falta de autonomia emocional e financeira até a masculinidade e a maneira como ela se estabelece, tudo isso dentro de uma relação também complexa fundada na poligamia.

6 A poligamia e os *status quo* da sociedade moçambicana

O surgimento de fatores culturais dentro de qualquer sociedade se dá a partir de processos sociais, econômicos e históricos, assim um costume não se estabelece de maneira natural e quando adotado é disseminado e aplicado como padrão. A religião se constitui como um dos principais meios de formação de opinião, de costumes e estilos de vida, muitas vezes é ela que cumpre o papel disseminador da moral e da ética.

Pensando nisso, notamos que a estruturação familiar no ocidente e em diversas partes do oriente se dá a partir de uma determinação religiosa (cristã) que dita a monogamia como o padrão de família vigente entre as relações, logo o que se espera de um casamento (realização matrimonial sagrada para o cristianismo) é a entrega completa entre as partes envolvidas. Ao colonizar um determinado país, o colonizador não assume apenas a liderança geográfica, assume também a possibilidade de implantar seus costumes naquele lugar, não foi diferente em África.

Para Lugarinho (2017), a identidade do homem branco colonizador pauta todas as outras relações de gênero dentro da colônia; a masculinidade do colonizador serve como paradigma para o homem colonizado e partir desse dado de identidade o feminino tende a se adequar e contrapor esse padrão. Aplicado isso a obra, percebemos que Tony é um agente colonizado que sofreu influência de uma parte do país, construída sobre os preceitos da religião islâmica, que aceita a poligamia. Para contrapor a isso temos mulheres sem instrução, sem empregos, que precisam sobreviver e na figura de Tony elas encontraram esse ser provedor. Por isso Rami diz:

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar. Para pescar mulheres de todos os tipos. Já fui pescada. As minhas rivais, minhas irmãs, todas, já fomos pescadas. Afiar os dentes, roer a rede e fugir, ou retirar a rede e pescar o pescador? Qual a melhor solução? (CHIZIANE, 2002, p. 93).

A obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002) caminha por diversas dicotomias, dentre elas: o colonizador e o colonizado, o branco e o negro, a mulher e o homem, a cultura do dominador e a cultura local, esses contrastes apontam também como os costumes se interligam e acabam criando padrões divergentes. Esses padrões interferem diretamente nas relações de gênero e na visão de mundo patriarcal, mas interferem ainda mais na relação entre colonizador e colonizado, pois também é fruto do racismo, Frantz Fanon destaca isso em *Peles negras máscaras brancas* (2008), no capítulo em que fala sobre a dependência do colonizado.

O racismo colonial não difere dos outros racismos. O anti-semitismo me atinge em plena carne, eu me emociono, esta contestação aterrorizante me debilita, negam-me a possibilidade de ser homem. Não posso deixar de ser solidário com o destino reservado a meu irmão. Cada um dos meus atos atinge o homem (FANON, 2008, p. 87).

Os preceitos religiosos que se constitui na sociedade moçambicana cria visões bilaterais sobre a poligamia e coloca Tony como o mártir desse julgamento; do ponto de vista biológico não existe uma maneira natural ou originária de se relacionar e a antropologia defende que as estruturas familiares monogâmicas se configuram de certo modo para a manutenção da ordem vigente, como aponta Ricardo Oliveira Rotondano em *Cultura e ética na formação familiar: a poligamia e a sua repressão no ocidente* (2016):

A ascensão monogâmica como modelo familiar predominante no mundo guarda estreita relação com dois principais fatores histórico-globais. O primeiro deles se refere à necessidade socioeconômica de acumulação de propriedade, tendo em vista que o modelo familiar anterior não correspondia a este objetivo. A partir do instante em que irromperam na sociedade elementos concernentes à uma estrutura individualista e patrimonial, exigiu-se a mudança do paradigma familiar anterior (RONTONDANO, 2016, p. 92).

A obra acaba por traduzir esses valores sociais a partir de diversos paradigmas sem a intenção de apontar certos e errados, afinal todas as figuras da obra dançam num *Niketche* social cheio de complexidade. As figuras centrais da obra se apresentam em um modo que se fazem vítimas não de um homem, mas de uma estrutura social inteira, Tony é uma peça de algo maior do que ele, o personagem só dança conforme a música e sua vida poligâmica, apesar de ser a mola propulsora da narrativa, não ocorre para colocá-lo na parede apenas, ocorre também para nos mostrar as questões plurais de um país colonizado.

Chiziane propõe em *Niketche* uma apresentação de Moçambique a partir da perspectiva de gênero e convida o leitor a caminhar através de uma diversidade cultural que é de suma importância para o entendimento da construção do feminino e do masculino dentro desse contexto, entretanto não é apenas sobre essa perspectiva que a autora aborda temáticas cruciais para a compreensão da cultura e história de seu país, é por isso que a colonização e a poligamia também entram em contraste na obra e é a partir delas que valores enraizados e perpassados pela ideologia dominante constroem a desigualdade e a opressão dos corpos negros na obra e na sociedade.

Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar brevemente a narrativa moçambicana *Niketche: uma história de poligamia* (2002) a fim de demonstrar como se manifesta dentro da obra as relações de gênero, cultura e sociedade. Foi percebido ao longo do trabalho que as dinâmicas de gênero sofreram influência direta da colonização contribuindo para a assimilação da cultura europeia em espaços moçambicanos.

Percebe-se também que as tradições culturais de grupos étnicos ainda sobrevivem e se fazem presentes nas figuras de Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Além disso, foi pontuado como se deu o processo de emancipação dessas mulheres e a condição de Tony, que dentro da obra ocupa uma dupla posição antagônica que ora é opressor, mas não deixa de ser também oprimido, dentro de um regime colonial. Também foi traçado uma breve linha do tempo da produção literária moçambicana e salientada a sua importância para o país como um veículo de denúncias e propagação da valorização da cultura local. Por fim, novamente ressaltamos que o nosso trabalho é apenas um pequeno recorte de um leque de várias possibilidades que a obra de Chiziane oferece.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. vol. 2. São Paulo: Difusão Europeia, 1967.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa: Caminho, 2002.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, A. Rita. *Fixação portuguesa e História pré-colonial de Moçambique*. Estudos, Ensaios e Documentos, n 142. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/ Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LUGARINHO, Mário César. Paradigmas confrontados: algumas masculinidades nas literaturas africanas de língua portuguesa. *Metamorfozes-USP*, n. 14, p. 141-151, abr. 2017.

LUGARINHO, Mário César. Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo”. (Subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). *Abril – UFF*, v. 5, n. 10, p. 15-38, abr. 2013.

MALUA, Rajabo C. B. *Etnia Sena, Nyungwe e Chuabo*. (Blogspot). Beira - Moçambique, 14 Jun. 2014. Disponível em: <http://malua7rcbm.blogspot.com/2014/06/etnia-sena-nyungwe-e-chuabo.html>. Acesso em: 15. set. 2020.

LARANJEIRA, José Luís Pires. *As literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

ROSEIRO, António H. R. *Símbolos e práticas culturais dos Makonde*. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural). Faculdade de Ciências e Tecnologia Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2013. 297 f.

ROTONDANO, Ricardo Oliveira. Cultura e ética na formação familiar: a poligamia e a sua repressão no ocidente. *Revista de Bioética y Derecho: Perspectivas Bioéticas*. V. 1, n. 38, p. 87-99, 2016.